

MULHER REAL OU MULHER VIRTUAL: ANÁLISE DO DESCRITOR “MULHER” A PARTIR DO GOOGLE



Fabiana Verza

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS – Brasil

Helena Kochenborger Scarparo

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS – Brasil

Marlene Neves Strey

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS – Brasil



Resumo

O presente artigo discute como o descritor “mulher” está sendo apresentado nos sites *Google Brasil* (GB) e *Google Acadêmico* (GA). Esses são considerados os maiores sites de buscas virtuais da atualidade, o que justifica a escolha dessas fontes para o presente estudo. A ênfase da pesquisa está na busca exploratória e descritiva do conteúdo veiculado nesses *sites*, a fim de levantar o material cultural disponibilizado quanto aos possíveis sentidos de “mulher”. Tendo como pano de fundo para discussão os estudos de gênero a partir das perspectivas feministas e da psicologia social crítica, buscou-se analisar o material, tendo em vista os lugares sociais gerados pelos sentidos em análise. A coleta de dados baseou-se no mapeamento do que está sendo publicado na primeira página virtual dos *sites* hospedeiros, a partir da inserção do descritor “mulher” como motor de buscas. Uma vez levantados e mapeados os conteúdos disponíveis, realizou-se a análise temática (MINAYO, 2007) dos dados, explorando qualitativamente as informações obtidas em cada uma das plataformas visitadas. A diversidade de informações veiculadas em ambos os *sites* oportunizou uma avaliação crítica em termos de qualidade e confiabilidade sobre o vem sendo reproduzido em plataformas de acesso virtual de grande impacto na atualidade. Ao mesmo tempo em que o GB veicula uma série de mensagens estereotipadas acerca do que está relacionado ao descritor “mulher”, o GA disponibiliza importantes estudos sobre mulheres e contribui para entender como o seu papel na sociedade foi se modificando ao longo dos anos.

Palavras-chave: Mulher. Gênero. *Google Brasil*. *Google acadêmico*.

Introdução

A análise do termo “mulher” como objeto de estudo revela diferentes resultados sobre a forma como as mulheres foram retratadas (mesmo que na invisibilidade), e definidas pelas ciências, artes, literatura e cultura ao longo do tempo. A ideia (ou idealização) de um “ser” em condição de igualdade já suscitou muitos estudos, embates e questionamentos, mas o fato é que, “ser mulher”, mesmo nos dias atuais, ainda pode parecer uma incógnita em termos teóricos e práticos. Soma-se a isso a questão da virtualidade, que marca o nosso tempo presente com diferentes expressões de poder de informação.

Considerando essa inter-relação entre o tempo presente e o tempo virtual, torna-se relevante conhecer o que é possível aprender sobre as mulheres a partir da perspectiva da virtualidade. Saber o que é ser mulher não é o mesmo que pensar se tal “ser” é parecido ou diferente de “outros seres”. Conforme ressalta Strey (2011) “poucos são os aspectos compartilhados por todas as mulheres e a própria biologia supostamente compartilhada por todas não pode ser considerada em si mesma, pois depende de múltiplos aspectos” (p.15). No entanto, chama a atenção que a busca do termo “mulher” nos *sites Google Brasil* e *Google Acadêmico* oferece material suficiente para nos questionarmos de que mulher se está falando e, principalmente, o que isso representa para a grande quantidade de pessoas que se utilizam dessa ferramenta como recurso de pesquisa.

O *Google* já pode ser referido como um oráculo moderno, pois as fontes derivadas desse suposto “oráculo” têm o poder de determinar posicionamentos de vida e revelam um jeito contemporâneo das pessoas se relacionarem com a informação. As janelas do virtual servem como pontos de contato com a vida social, imprimindo novas formas de convivência e de relação com o conhecimento. François Hartog (2006) fala da onipresença do presente nas

relações contemporâneas e nos faz problematizar as diferentes temporalidades que marcam as informações que circulam nos espaços virtuais.

Nesse sentido, considerando o impacto que tais ferramentas de buscas agregaram ao cenário mundial em termos de compartilhamento de informações e produção de conhecimento, justifica-se a necessidade de explorar como quantidade pode transformar-se em qualidade. A abrangência de um *site* de buscas como o *Google* tem proporções suficientes para nos questionarmos de que forma as informações são organizadas e apresentadas, uma vez que a absorção fragmentada dos seus conteúdos também é uma preocupação contemporânea.

O *Google* é considerado o maior motor de buscas da internet e identificado como a marca mais poderosa do mundo na atualidade (Portal Terra/Tecnologia, 2013). Segundo seus criadores: Larry Page e Sergey Bin, a missão da empresa foi a de organizar a informação mundial e torná-la universalmente acessível e útil (GOOGLE, 2013). No Brasil, a plataforma *Google* Brasil está em primeiro lugar entre os buscadores mais utilizados no país (PORTAL TERRA/TECNOLOGIA, 2013). Quanto à política de uso do *site*, o *Google* preconiza a prática da neutralidade da rede, na qual os usuários da internet devem estar no controle do conteúdo por eles acessado (GOOGLE, 2013).

Já o *Google* Acadêmico (GA) é definido como a versão do *Google* para buscas de informações científicas. O GA disponibiliza a pesquisa em documentos não indexados em bases bibliográficas renomadas e apresenta em seus resultados diversas fontes que não são tradicionalmente recuperáveis no contexto acadêmico ou em outras ferramentas de buscas (VANS E STUMPF, 2010). Analogamente ao *Google* tradicional, o GA apresenta os resultados ordenados com base na relevância dos documentos em relação à estratégia de busca, considerando, adicionalmente, “o texto integral de cada artigo, o autor, a publicação em que o artigo saiu e a frequência com que foi citado em outras publicações acadêmicas” (GOOGLE ACADÊMICO, 2013). No entanto, Mugnaini e Strehl (2008) apontam que a

versão acadêmica do *Google* traz em si as mesmas incertezas sobre as demais plataformas da empresa, pois fica a dúvida sobre como uma ferramenta tão eficiente pode ser oferecida gratuitamente.

Diante disso, é possível acreditar em uma política de neutralidade de informações? Quem decide o que aparece na primeira página virtual de um determinado *site*? E o que é possível fazer com o conteúdo apresentado? Esses “*gaps*” da rede não fornecem respostas definitivas, mas oferecem subsídios suficientes para pensarmos como questões contemporâneas são tratadas na maior plataforma de comunicação virtual da atualidade.

A partir de tais questionamentos surgiu a curiosidade em conhecer como o *Google* Brasil e o *Google* acadêmico organizam as informações a partir da inserção do descritor “mulher” como o motor de busca, e de que forma seria possível construir um conhecimento acerca dessa temática, apenas utilizando-se das informações disponibilizadas pelos respectivos *sites*.

Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa do tipo exploratório-descritiva. Para a análise dos dados, optou-se pela técnica de análise de conteúdo, especificamente a análise temática (MINAYO, 2007), a fim de buscar elementos para a compreensão dos significados de mulher. Segundo Bardin (1979) e Minayo (2007), a análise de conteúdo contempla um processo de explicitação, sistematização e expressão do conteúdo, que é organizado em três etapas distintas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Uma vez utilizado o descritor “mulher” nas referidas plataformas virtuais, iniciou-se a primeira etapa do processo de pré-análise dos dados. Nessa fase, o conteúdo publicado na primeira página virtual foi lido e selecionado em unidades de registro, considerando a ordem de ranqueamento das informações disponibilizadas em cada um dos sites. A partir dessa etapa,

foram escolhidos os cinco primeiros *links* publicados na primeira página virtual do GB e todos os dez *links* publicados no GA. A seleção no GB restringiu-se apenas aos cinco primeiros *links*, pois os demais publicavam informações consideradas irrelevantes para a proposta de análise desse estudo.

A segunda etapa de análise consistiu em explorar o conteúdo derivado dos *links* principais, por meio do procedimento denominado pelo Google como “busca dentro da busca”. Esse processo de investigação foi mais complexo na etapa exploratória do GA, pois envolveu a pesquisa por artigos e resenhas que descrevessem o conteúdo das produções acadêmicas em destaque nos *links* principais. quanto ao GB, apenas foi investigado o conteúdo publicado.

Uma vez mapeados os conteúdos, foi elaborada uma seleção de trechos tendo como critério os “filtros de gênero”. Tais filtros nortearam as análises e tinham como objetivo identificar temáticas relativas às questões de gênero associadas ao descritor “mulher”. A partir dessa etapa, foram elaboradas duas tabelas dispondo o ranqueamento dos conteúdos publicados nos *links* principais e os trechos selecionados referentes a cada um deles. Nesse sentido, o entendimento do material deu-se em um plano descritivo, considerando o levantamento do conteúdo veiculado, e em um plano interpretativo, decorrente das considerações críticas acerca do material examinado.

Apresentação e discussão dos resultados

Em continuidade ao exposto, segue a apresentação dos quadros e a discussão dos resultados derivados de cada plataforma virtual em análise:

Quadro 1: Descritor “mulher” apresentado na primeira página virtual do *Google* Brasil (Disponível em: www.google.com.br, acesso em Julho de 2013).

<i>Link</i> principal	Trechos de conteúdos do <i>link</i>
1. mulher: <u>Comportamento, casal</u>	Tudo sobre a mulher moderna, sua carreira,

<u>e carreira - Terra</u>	comportamento, relacionamentos, casamento e mais. - Confira 5 pontos fundamentais do planejamento do casamento - Infidelidade? Saiba como superar e aceitar uma traição - Veja os alimentos que aumentam o apetite sexual
2. <u>Bolsa de Mulher. O melhor conteúdo com a maior rede de amigas ...</u>	Conteúdo sobre amor, sexo, moda, família, finanças e saúde. Fóruns, vídeos, ferramentas de beleza, cursos, dieta, celebridades e muito mais. <u>Sexo - Cabelos - Beleza - Minha Bolsa</u>
3. <u>Mulher – Wikipédia, a enciclopédia livre</u>	Segundo a <u>Bíblia</u> , a mulher foi feita a partir de uma costela de <u>Adão</u> , significando, com isso, que ela é a companheira, ou seja, está a seu lado, tal qual as <u>costelas</u> . Esposas têm papel sempre importante, seja como amadas parceiras ou como companheiras dos maridos (Gen. 2:20-24; Prov. 19:14; Ecl. 9:9); Não há qualquer motivo para considerar Eva marginalizada ou relegada a qualquer <i>status</i> secundário a Adão (I Pedro 3:7); A Bíblia celebra e reconhece o valor de mulheres virtuosas (Prov. 12:4; 31:10; I Cor. 11:7)
4. <u>MdeMulher - O portal da Mulher brasileira - Editora Abril</u>	O portal da mulher brasileira. Moda, beleza, notícias de televisão, resumo de novelas, dietas e muito mais!
5. <u>Mulher - Amor e sexo, horóscopo, moda e beleza - Abril.com</u>	No canal Mulher do Abril.com você conhece tendências da moda, dicas de beleza e informações para melhorar seu relacionamento.

Esse quadro permite observar um predomínio de informações voltadas a questões como: relacionamentos, sexualidade, família, valores, beleza, moda, dietas, trabalho, horóscopo, celebridades e novelas. O conteúdo apresentado parece sugerir que tais temáticas respondem às necessidades das mulheres, são inovadoras e tipicamente femininas. Os enunciados “*tudo sobre a mulher moderna*” (item 1), “*portal de mulher brasileira*” (item 4) são exemplos disso.

Ao aprofundar as informações disponíveis nos *sites*, chama a atenção que o *link* principal referente ao descritor “mulher” (item 1), enfatiza aspectos relacionados à vida conjugal: “*confira 5 pontos fundamentais do planejamento do casamento*”, infidelidade:

“Infidelidade? Saiba como superar e aceitar uma traição” e sexualidade: *“Veja os alimentos que aumentam o apetite sexual”*, utilizando-se de enunciados que pressupõem uma obediência a um padrão e produz uma rede de significados normatizadores sobre o que é “ser” mulher. Diante de tais resultados, volta a dúvida: de que mulheres estão falando? Além disso, surge a preocupação: qual o impacto de tais enunciados na subjetivação da “moderna” mulher brasileira?

Para completar o quadro, a definição da *Wikipédia* sobre o termo mulher, que aparece em terceiro lugar no ranqueamento dos *links*, também é instigante. Para o presente artigo, foram selecionadas apenas algumas informações contidas na enciclopédia livre *Wikipédia*. No entanto, chama atenção a ênfase biologicista e religiosa utilizada para conceitualizar o termo mulher. Destaca-se a frase *“Não há qualquer motivo para considerar Eva marginalizada ou relegada a qualquer status secundário a Adão”*; *“A Bíblia celebra e reconhece o valor de mulheres virtuosas”* (*Prov. 12:4; 31:10; I Cor. 11:7*). Tais enunciados parecem revelar uma preocupação em justificar o papel e o lugar da mulher, amparando-se em concepções religiosas que não as favorecem enquanto seres humanos livres e independentes.

Considerando que produções discursivas legitimam desigualdades de gênero e normatizam papéis e lugares nas relações (NARVAZ; KOLLER, 2007), e a mídia não apenas veicula, mas subjetiva, produzindo identidades e sujeitos a partir de seus enunciados (FISCHER, 2001), como utilizar-se de ferramentas de comunicação para promover a igualdade de gênero? Se no âmbito público, muitas vezes “o que cai na rede é...estereótipo de gênero”, o que pensar sobre o impacto de tais construções no âmbito privado? As interações familiares promovem a construção de ideologias e estereótipos de gênero que são transmitidos transgeracionalmente e implicam em consequências importantes sobre como os papéis de gênero serão vivenciados em cada família e reproduzidos na sociedade (STREY, 2007).

Considerando tais informações, nos resta imaginar que a mulher ideal, apresentada na primeira página virtual do GB, é “montada” dentro de uma lógica sexista e estereotipada. A julgar pelos conteúdos enunciados nos *sites* em destaque, se a mulher “moderna” souber organizar um casamento, aprender a superar a infidelidade, se esforçar para comer alimentos que a mantenham magra e com apetite sexual, também será “virtuosa”, uma vez que exercerá com competência as funções as quais está destinada.

Diante de tais achados, cria-se um novo paradoxo: como se chegou a essa ordem de ranqueamento dos *links*? Se tais notícias, informações e publicidades ocupam um lugar de destaque no GB, é por que seus *sites* hospedeiros apresentam um grande número de acessos e de patrocínio. Logo, eles respondem às necessidades de um público que busca por esse tipo de conteúdo e se sente representado pelo que é veiculado nessas plataformas. Logo, é importante destacar que o público também é enunciador das preferências pelos *sites* em destaque nas buscas.

Em contrapartida, ao se investigar o termo “mulher” no *Google* acadêmico, é possível levantar informações importantes e históricas sobre a produção de conhecimento acerca dos estudos sobre a mulher. Os conteúdos apresentados na primeira página virtual do GA oferecem importantes subsídios para se estudar temáticas de gênero, uma vez que se destacam produções acadêmicas direcionadas ao estudo do papel da mulher em diferentes âmbitos sociais e históricos. As produções empíricas e teóricas que estão disponibilizadas na primeira página do referido *site* de buscas, convergem para temas importantes e contribuem para o debate sobre a igualdade de gênero nas mais diferentes esferas da vida pública e privada.

Os resultados obtidos na pesquisa estão descritos no quadro 2 e organizados de acordo com a ordem de ranqueamento do *site*.

Quadro 2: Descritor “mulher” apresentado na primeira página virtual do *Google* acadêmico (Disponível em: <http://scholar.google.com.br>, acesso: Jul. 2013).

<i>Link principal</i>	Informações adicionais do <i>link principal</i>
1. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade	HIB Saffioti - 1969 - Quatro Artes <u>Citado por 465 - Artigos relacionados - Todas as 2 versões</u>
2. [CITAÇÃO] Mulher e educação: a paixão pelo possível	JS de Almeida - 1998 - Editora Unesp Fundação <u>Citado por 240 - Artigos relacionados</u>
3. [CITAÇÃO] Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares	ML Rocha-Coutinho - 1994 - <u>Citado por 197 artigos relacionados</u>
4. [CITAÇÃO] Modos de homem & modas de mulher	G Freyre - 1986 – Record <u>Citado por 114 artigos relacionados - Todas as 2 versões</u>
5. [CITAÇÃO] Participando do debate sobre mulher e violência	M Chauí - Perspectivas antropológicas da mulher , 1985 - Zahar Rio de Janeiro <u>Citado por 218 artigos relacionados</u>
6. [LIVRO] TERCEIRA MULHER, A	G Lipovetsky - 2000 - books.google.com <u>Citado por 284 artigos relacionados</u>
7. [CITAÇÃO] A mulher na história do Brasil	M Del Priore - 1988 - Editora Contexto <u>Citado por 87 artigos relacionados - Todas as 2 versões</u>
8. [CITAÇÃO] Mulher, casa e família: cotidiano nas camadas médias paulistanas	MCA Bruschini - 1990 - Fundação Carlos Chagas <u>Citado por 130 artigos relacionados</u>
9. [CITAÇÃO] Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira	DHS Buitoni - 2009 - Summus Editorial <u>Citado por 101 artigos relacionados</u>
10. [CITAÇÃO] A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas, 1850-1937	JE Hahner - 1981 - orton.catie.ac.cr <u>Citado por 166 artigos relacionados - Em cache - Todas as 2 versões</u>

O material disponível nos *links* referenciou livros publicados em diferentes momentos históricos e abrangendo diversos aspectos referentes ao descritor “mulher”. Considerando tal diversidade, foi possível fazer outra leitura sobre os dez itens apresentados na primeira página

virtual do GA, dessa vez, organizados dentro temáticas específicas, baseadas nos pressupostos epistemológicos que amparam o presente estudo. Para tanto, optamos por quatro categorias norteadoras, a fim de apresentar de forma crítica como pesquisas e estudos sobre a temática mulher circularam entre o público e o privado em diferentes contextos sócio-econômico-culturais.

A apresentação dos resultados inicia-se com a categoria: “A mulher e a história”, onde são explorados os livros referenciados em três *links* do GA. A segunda categoria: “Mulher e estudos de gênero: um projeto de construção pela igualdade de gênero”, utiliza-se de dois *links* publicados no GA e explora como se construiu o movimento de lutas contra a desigualdade de gênero no país. A terceira categoria: “Mulher e trabalho”, utiliza-se do livro citado em um *link* no GA para explicar como se deu o processo de profissionalização da mulher na sociedade brasileira. Por fim, a última categoria: “Representações sociais da mulher no Brasil”, problematiza o impacto no processo de subjetivação feminina a partir dos enunciados da mídia e da ditadura da beleza na sociedade contemporânea, tendo como disparadores dois livros citados no GA.

A mulher e a história

Em termos históricos, a ausência das mulheres na história oficial ocupa espaço na indicação do livro *A Mulher Brasileira e suas lutas Sociais e Políticas* (1981) da escritora americana June Edith Hahner, (item 10 e último no *ranking* do GA). O principal argumento da autora se apoia na ideia de que os homens, na condição de transmissores tradicionais da cultura na sociedade, veicularam informações julgadas a partir de seus critérios de prioridade e importância. Diante desses fatos, não surpreende que as primeiras abordagens sobre as mulheres destacam suas virtudes e excentricidades e voltaram-se a “escavação” de registros notariais, testamentos e mídia impressa (KARAWAJCZYK, 2007).

Ainda dentro da perspectiva histórica, Mary Del Priore, em seu livro *A mulher na história do Brasil* (1988), (item 7 no *ranking* do GA) denuncia a construção dos estereótipos de gênero ao longo da história do Brasil desde o período colonial, destacando a perpetuação das visões machistas e herdeiras da sociedade patriarcal. Diversos são os fatores que podem ter contribuído para o entendimento da mulher a partir da lógica da fragilidade. Os estudos de gênero e os movimentos feministas tiveram um papel fundamental para romper com essa lógica e imprimir alternativas de entendimento sobre o papel da mulher na história e na sociedade.

Nesse sentido, a socióloga Heleieth Saffioti, em 1969, escreveu o livro *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, (item 1 no *ranking* do GA) introduzindo a primeira etapa de estudos de gênero no Brasil, onde o foco estava nas relações de trabalho e de produção, no meio urbano e rural. De uma maneira geral, o movimento das mulheres nos anos de 1970 e a institucionalização dos estudos sobre mulheres na academia, trouxeram maior visibilidade às mulheres na esfera social e política. Em função desse “*zeitgeist*”¹, houve um esforço em traduzir/conceituar as mulheres como seres atuantes, pensantes e ativos e, como consequência, surgiu uma efervescência de biografias e produções intelectuais (DA SILVA, 2000) para dar conta do “espírito da época”.

O mundo do trabalho pode ser considerado como a “porta de entrada” das mulheres para a construção de espaços de poder e de consolidação dos estudos de gênero no Brasil. No entanto, parece que a porta de saída para as mulheres se retirarem desses espaços segue estando à “serventia da casa”. Nesse sentido, estudos que problematizem questões de gênero e promovam discussões acerca da verdadeira igualdade de gênero já consolidaram seu espaço

¹Termo alemão cuja tradução significa espírito da época, espírito do tempo ou sinal dos tempos. O *Zeitgeist* significa, em suma, o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa certa época, ou as características genéricas de um determinado período de tempo.

na história, mas seguem sendo necessários para que algumas histórias não se repitam... Michelle Perrot, em seu livro *As mulheres ou os silêncios da história* (1998) retrata os momentos de silêncio e de barulho das mulheres ao longo dos séculos XIX e XX. Embora esse livro não tenha aparecido na primeira página virtual do GA (e porque não apareceu?), sempre é bom resgatá-lo para no mínimo lembrarmos que quando se fala em igualdade de gênero, devemos ficar em “estado de alerta” sobre os rumos dos acontecimentos em termos de passado, presente e futuro.

Mulher e estudos de gênero: um projeto de construção pela igualdade de gênero

Uma vez consolidados os estudos sobre as mulheres no País, se inicia a luta pelo fim da desigualdade de gênero. O discurso por uma verdadeira igualdade de direitos impulsionou muitas mulheres e muitos estudos de caráter reivindicatório com o objetivo de romper com as desigualdades sociais e de direitos entre homens e mulheres e enterrar de vez as heranças do patriarcado.

A partir dos anos de 1980, conforme descreve Da Silva (2000), não basta estudar as mulheres, é necessário estudar as relações sociais entre os sexos. É dentro dessa perspectiva que Maria Cristina Aranha Bruschini publica em 1990 o livro: *Mulher, casa e família: cotidiano nas camadas médias paulistanas* (item 8 no ranking do GA). A partir da entrevista com esposas e maridos de 25 famílias de classe média e média baixa da cidade de São Paulo acerca da divisão das tarefas domésticas, a pesquisadora constata que existe uma divisão sexual do trabalho. Os companheiros relataram participar dos encargos domésticos de maneira eventual, a título de auxílio ou cooperação, envolvendo-se apenas em atividades específicas como as de conserto e manutenção.

Diante disso, observa-se que as prescrições normativas baseadas no patriarcado (NARVAZ; KOLLER, 2006) se fazem presentes no âmbito público e privado e interferem também na organização e distribuição de papéis familiares em diferentes tempos históricos

(WAGNER et al., 2005). Nesse sentido, construções sociais baseadas nas clássicas divisões de papéis: pai provedor e mulher cuidadora ainda têm um poder de subjetivação na forma como se configuram as relações, mesmo nos dias atuais.

Ainda dentro dessa lógica, mas voltando-se à busca de como as mulheres se organizam nas tramas familiares, Maria Lúcia Rocha Coutinho escreve em 1994 *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares* (item 3 no ranking do GA). Em sua pesquisa, a autora investiga oito mães (idades entre 69-75 anos) e filhas (idades entre 35-45 anos) primogênicas, com ao menos um filho, a fim de conhecer as mudanças ocorridas entre as gerações. O estudo está voltado à compreensão de como as mulheres exerciam poder no âmbito doméstico e familiar, e quais suas estratégias de resistência frente à opressão da condição feminina. Rocha Coutinho está interessada em conhecer de que forma as mulheres tramam redes de controles, chantagens, reprimendas e vigilância sobre os filhos e maridos, entre outras artimanhas nem sempre visíveis, explícitas ou inócuas ao funcionamento familiar (GOBBI, 1995).

Conforme palavras de Rocha Coutinho: “nem vítimas nem algozes, acreditamos que as mulheres ao longo dos anos foram tecendo modos de resistência a esta opressão masculina” (p.19). Segundo Gobbi (1995), a proposta de investigar como as mulheres teceram sua história e sua forma de “ser” mulher ao longo das gerações, é uma alternativa para que elas aprendam a se conhecer melhor a partir do conhecimento da história das mulheres. Voltamos à importância de conhecer os silêncios e os barulhos das mulheres, não apenas as de Michelle Perrot (1998), mas de todas as mulheres que têm algo a dizer em diferentes tempos e lugares...

Mulher e trabalho

Saindo do âmbito do privado e entrando no público, como as mulheres fizeram essa passagem para se inserir no mercado de trabalho? Foi a partir dessa questão norteadora que foi construída uma tese que, em 1998, transformou-se no livro: *Mulher e educação: a paixão*

pelo possível (item 2 no *ranking* do GA). A doutora em História e Filosofia da Educação Jane Soares de Almeida investigou como se deu a entrada da mulher no mercado de trabalho por meio do campo da educação.

Embora a função de professora primária estivesse associada aos estereótipos de maternidade, tal posto foi uma oportunidade para as mulheres de classe média saírem de seus lares e se inserirem no mundo público do trabalho formal. A autora investigou o percurso profissional feminino no Estado de São Paulo, do final do século XIX até a década de 1950. A pesquisa envolveu levantamento da imprensa periódica educacional feminina até a década de 1930 e entrevista com professoras primárias que lecionaram até as décadas de 1940 e 1950. Segundo Ester Buffa (1998), Jane instiga os professores e futuros professores a manterem sempre acesa a chama da paixão pelo possível, uma vez que ensinar é uma tarefa difícil e que exige força de vontade interna.

Muita coisa mudou no processo de profissionalização das mulheres, mas a feminização de algumas profissões, dentre elas a do magistério, segue sendo uma realidade com características peculiares. Exemplo disso é a disparidade de salários entre homens e mulheres, a feminização da pobreza e as múltiplas jornadas de trabalho dentro e fora de casa. Serão esses problemas de desigualdade social ou desigualdade de gênero? Independente de onde se originam os problemas e as desigualdades, o fato é que muito ainda está por ser feito no que tange à construção da igualdade de gênero nas relações de trabalho.

Por isso fala-se em indicadores de igualdade nas relações de gênero. Segundo Maria da Conceição Quinteiro (2002), a medida de desigualdade feminina se dá em relação às posições, valorizações e oportunidades sociais oferecidas aos homens. As especificidades desses espaços produzem diferentes formas de desigualdade e criam sentidos diversos nos territórios das relações, marcadas pelas crenças e culturas de cada lugar. Nesse sentido, a igualdade de gênero passa a ser entendida como uma igualdade qualitativa, que não ignora as

diferenças de gênero, mas que considera que homens e mulheres devem ser igualmente valorizados em aspectos do cotidiano familiar, profissional e social.

Representações sociais da mulher no Brasil

No livro *Modos de homem e modas de mulher* (2002) de Gilberto Freyre (item 4 no *ranking* do GA), o autor critica o impacto norte-europeizante na construção do modelo de beleza brasileiro. O “ser mulher” de Freyre implica no “modo” de ser mulher, onde as modas e modismos também se atravessam na forma de pensar, sentir e se subjetivar (GOLDENBERG, 2005). Em uma pesquisa realizada com 3.200 mulheres de 10 países, apenas 1% das brasileiras responderam que se sentem bonitas, e no item insatisfação com o próprio corpo, suas respostas só perderam para as japonesas (GOLDENBERG, 2005). Tais resultados nos fazem questionar o que os espelhos estão refletindo na realidade e no imaginário das “mulheres modernas” do Brasil.

No livro *A Terceira Mulher: permanência e revolução do feminino* (2000), de Gilles Lipovetsky, (item 6 no *ranking* do GA) o autor analisa os aspectos da ditadura da beleza que tiranizam a condição das mulheres, impondo a magreza e a juventude como fórmula de beleza ideal. Segundo Goldenberg (2005), Lipovetsky denuncia o paradoxo entre a busca por uma autonomia individual; condição valorizada e permitida na sociedade ocidental contemporânea, e a intensificação da pressão social e adequação às normas do corpo. A autora problematiza a questão sinalizando que apesar do corpo feminino ter se emancipado de suas antigas funções/servidões sexuais e procriadoras e também no modo de vestir, atualmente observa-se um novo aprisionamento feminino, “submetido a coerções estéticas mais regulares, mais imperativas e mais geradoras de ansiedade do que antigamente” (GOLDENBERG, 2005, p. 77).

É dentro dessa lógica que Dulcília Schroeder Buitoni produziu sua tese, que em 1981 transformou-se no livro *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina*

(item 9 no *ranking* do GA). Dulcília, no fim dos anos de 1970, produziu uma pesquisa histórica em termos de importância e contemporaneidade a partir do seguinte questionamento: “*Existe mulher de verdade nas revistas femininas*”? (COSTA, 2009). Ao investigar a representação da mulher nas revistas femininas, a autora mapeou o sentido dos discursos veiculados nas principais fontes de mídia feminina impressa daquele período e analisou a sua influência na subjetivação do “ser mulher”. Dulcília mergulha nas publicações femininas brasileiras de todo o século XX, mapeando as revistas por décadas e destacando os aspectos característicos de cada período, descritos por ela a partir de subtítulos (COSTA, 2009).

O livro foi reeditado em 2009 e a pesquisa foi ampliada, analisando-se diferentes formas de representação da mulher a partir dos anos 1980. Carlos Costa (2009) aponta a conclusão da nova edição intitulada: “*De vós a você: muitas décadas imperativas*”, como crucial para o entendimento do problema de pesquisa da autora. Ao selecionar o trecho escrito por Dulcília: “a leitora julga estar participando da modernidade, quando apenas ajuda a manutenção do *status quo*” (COSTA, 2009, p. 197), ele destaca o quanto é antigo o discurso sobre o “novo”. Da mesma forma, Costa também aponta duas considerações fundamentais de Dulcília sobre a mulher na imprensa. Na primeira, a autora denuncia uma falácia midiática: “a verdadeira mulher de papel conserva fracos pontos de contato com a realidade” (p. 209). Na segunda consideração, a autora conclui: “A imprensa feminina informa pouco, mas forma demais” (p.208). Em tempos onde a mulher de papel transformou-se em mulher virtual, será que podemos usar a mesma lógica de Dulcília para analisarmos como a mulher está sendo retratada na *world wide web*?

Com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação, é possível encontrar uma nova plataforma de expressão do termo “mulher” e sua relação com o “ser mulher” na contemporaneidade. Os recursos oferecidos na *web*, pelo sistema de informação em rede, permitem o acesso a diversas fontes de informação de forma instantânea. Essa nova

forma de comunicação traz implicações nas representações sociais da mulher e interfere significativamente na lógica da construção de qualquer tipo de conhecimento. No entanto, o antigo e novo seguem coexistindo, mesmo que a partir das lentes tecnológicas. Por isso, mulheres virtuais, reais e virtuosas, talvez transitem pelas mesmas plataformas, mas direcionem-se por caminhos diferentes.

Considerações finais

Se por um lado a convergência tecnológica abriu novos caminhos para o acesso à informação, por outro, introduziu uma lentidão no processo do pensar, uma vez que a informação já vem pronta e agregada de forma fragmentada em *sites* hospedeiros. Criam-se sentidos de superficialidades e uma postura de aceitação do conhecimento. Junto a isso, prevalece uma cultura do imediatismo, na qual processos de assimilação de informações não são absorvidos e não estabelecem uma relação transformadora com o conhecimento.

Dentro dessa lógica, devemos evitar a sacralização de fontes de conhecimentos. Se a visita ao “oráculo contemporâneo” se tornar messiânica, corremos o risco de acabarmos nos transformando em meros “visitantes da hospedaria virtual”. Como pressupõe uma visita, a passagem pelos *sites* pode ser breve e superficial e, assim, acabamos “passeando pelo conhecimento”, sem grandes preocupações acerca da confiabilidade do que nos é apresentado. O *tour* do conhecimento tornou-se acessível, rápido e convidativo, no entanto, não podemos perder o direito de criar os nossos próprios critérios de escolha por onde queremos começar uma visita. Os pontos mais visitados e acessíveis nem sempre são os mais interessantes e confiáveis...

A proposta deste trabalho foi realizar esse “passeio”, carregando na bagagem a curiosidade sobre o que está associado às mulheres quando se utiliza o descritor “mulher” nos sites derivados da plataforma de acesso virtual mais famosa do planeta, o *Google*. A

“experiência”, além de agradável e intensa, suscitou muitos questionamentos sobre o que vem sendo publicado e divulgado acerca do termo. A partir deste estudo, também foi possível avaliar a forma como as informações virtuais estão sendo apresentadas nas plataformas em análise e qual a sua interferência sobre os sentidos de mulher na contemporaneidade.

Na primeira página virtual do *Google* Brasil predomina uma mulher construída por discursos estereotipados e carregados de mensagens sexistas. Tais conteúdos nos fazem concluir que essa plataforma virtual específica é utilizada como uma vitrine vanguardista que abriga uma mulher ultramoderna por fora e antiga por dentro. A julgar pelo conteúdo das mensagens divulgadas nos principais *sites*, parece que virtuosidade e virtualidade nasceram no mesmo século. A mulher não é mais de papel, é uma mulher virtual. Mas segue parecendo uma criatura invisível ou talvez inatingível. O que tem isso de pós-moderno? Difícil constatação...

Em contrapartida, o descritor “mulher”, oferece na primeira página do *Google* Acadêmico uma gama de informações importantes e relevantes sobre as mulheres no Brasil e no mundo. Fontes de literatura nacionais e internacionais estão disponibilizadas e apontam caminhos a serem trilhados no campo de estudos e pesquisa sobre a temática.

O descritor “mulher” direcionou o “passeio” a fontes importantes da literatura e deu indicações sobre como se desenvolveram os estudos sobre as mulheres no país e no mundo. Além disso, os conteúdos voltados à luta pela igualdade de gênero também puderam ser aprofundados a partir dos *links* oferecidos. A partir dos itens apresentados na primeira página virtual do *Google* acadêmico, foi possível mapear a construção de estudos e pesquisas sobre a mulher e a história; mulher e estudos de gênero: um projeto de construção pela igualdade de gênero; mulher e trabalho e representações sociais da mulher no Brasil.

A confiabilidade das informações divulgadas na *web* e a perda da liberdade na escolha de critérios para iniciar uma pesquisa, dão margem a diversas interpretações. Por um lado, tais

“entraves virtuais” podem se transformar no ponto de partida para um maior aprofundamento das temáticas em estudo e, por outro, podem representar uma ponte para a superficialidade. Diante disso, plataformas virtuais tornam-se passaportes para a construção de conhecimentos ou fontes de diversão para se “passar o tempo”.

Ferramentas como o *Google* estão disponíveis para serem utilizadas. Já a capacidade crítica, habilidade de filtrar informações e explorar o que de melhor a rede tem a oferecer depende do “navegador” que está a bordo. Navegar por mares “nunca dantes navegados” deveria fazer parte da condição humana na busca pelo conhecimento. Camões, ao usar essa expressão, sabia disso...

A realidade atual, ao mesmo tempo em que está próxima do que Dulcília Schroeder Buitoni preconizou nos anos 1980: “A imprensa feminina informa pouco, mas forma demais”, agregou um novo paradigma frente à “Sociedade da Informação”: ela informa muito e nunca se sabe o que ela pode vir a formar. O processo de construção do conhecimento sobre a temática das mulheres é exemplo disso, pois a partir do que foi observado neste trabalho, o que se fala sobre as mulheres é um grande paradoxo e um desafio a pesquisas futuras voltadas à promoção da verdadeira igualdade de gênero.

Considerando esse panorama, nada melhor do que finalizar este trabalho destacando a importância das mudanças em seu sentido mais realístico. O já citado poeta português Luís Vaz de Camões, escreveu século XVI o soneto “*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*” e expressou em versos suas percepções sobre a mudança dos tempos e das vontades de sua época revelando sua angústia frente à velocidade e instabilidade do mundo. Os séculos se passaram, mas a contemporaneidade de suas preocupações permanece. A partir desses fatos, nos resta a constatação de que a relação entre o descritor “mulher” e o “ser” mulher em tempos de virtualidade, talvez ainda esteja dependendo das vontades (como à

época de Camões), mas nos resta saber as de quem... A julgar pelas primeiras páginas virtuais dos *sites* pesquisados, muitas mudanças já aconteceram e muitas ainda urgem por vir.

REAL WOMAN OR VIRTUAL WOMAN: AN ANALYSIS OF THE DESCRIPTOR “WOMAN” ON GOOGLE

Abstract

This paper discusses how the descriptor “woman” is presented on Google Brasil (GB) and Google Scholar (GS) websites. Both are considered the largest websites for virtual search nowadays, a feature that justifies why these sources were selected for this study. The emphasis of this work is the exploratory and descriptive search of the content available on these sites, with the purpose of bringing forward the cultural material that is available regarding the possible meanings of woman. The background of this study was gender studies from the feminist perspective and the critical social psychology, and we aimed at analyzing the material considering the social role generated by the meanings in analysis. Data collection, which was based on the mapping of what is being published on the home page of the host websites, started with the insertion of the descriptor “woman” as an engine search. Once the available contents were presented and mapped, we performed a thematic analysis of the data (MINAYO, 2007), exploring qualitatively the information obtained on each of the platforms visited. The diversity of information conveyed by both websites gave us an opportunity to carry out a critical evaluation, in terms of quality and reliability, of what is being reproduced on virtual platforms that have had a great impact in the present. Whereas GB conveys a series of stereotyped messages related to the descriptor woman, GS offers important studies about women and contributes for the understanding of how their role in society has changed throughout the years.

Keywords: Woman. Gender. Google Brasil. Google Scholar.

MUJER REAL O MUJER VIRTUAL: ANÁLISIS DEL DESCRIPTOR “MUJER” DESDE EL GOOGLE

Resumen

Este artículo analiza cómo el descriptor “mujer” se presenta en los sitios Google Brasil (GB) e Google Académico (GA). Estos son los principales sitios de búsquedas virtuales de la actualidad, lo que justifica la elección de estas fuentes para el presente estudio. El énfasis de la investigación objetiva una búsqueda exploratoria y descriptiva de contenido que se presentan en estos sitios, con el fin de recoger el material cultural disponible acerca de los posibles sentidos de mujer. Teniendo cómo contexto para discusión los estudios de género desde las perspectivas feministas y de la psicología social crítica, el material fue analizado teniendo en cuenta los lugares sociales generados por los significados en cuestión. La recogida de datos se basó en la cartografía de lo que está siendo publicado en la primera

página virtual de los sitios anfitriones, desde la inserción del descriptor mujer como motor de búsqueda. Una vez finalizada la recogida, se realizó el Análisis Temático (MINAYO, 2007) de los datos, explorando de forma cualitativa las informaciones obtenidas en cada una de las plataformas investigadas. La diversidad de informaciones presentadas en ambos los sitios oportunizó una evaluación crítica en términos de cualidad y confiabilidad acerca de lo que sigue siendo reproducido/publicado en plataformas de acceso virtual de gran impacto en la actualidad. Al mismo tiempo en que el GB presenta una serie de mensajes estereotipados acerca de lo que está asociado al descriptor mujer, el GA dispone de importantes estudios respecto a la temática de las mujeres y contribuye para entender como su rol en la sociedad se modificó a lo largo de los años.

Palabras clave: Mujer. Género. Google Brasil. Google académico.

Referências

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979. 223 p.
- BRUSCHINI, M. C. A. *Mulher, casa e família: cotidiano nas camadas médias paulistanas*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, Vértice, 1990. 222 p.
- BUFFA, E. Prefácio do livro: *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. Jane Soares de Almeida, São Paulo: Editora UNESP, 1998. 226 p.
- BUITONI, D. S. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina*. São Paulo: Summus Editorial, 2009. 239 p.
- COSTA, C. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina - Dulcília Schroeder Buitoni*. *Líbero*, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 155-156. 2009, Dez.
- DA SILVA, S. V. Os Estudos de Gênero no Brasil: Algumas Considerações. *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona, n. 262, 15 nov. 2000. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-262.htm>.
- DEL PRIORE, M. *A mulher na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988. 64p.
- FABRÍCIO, B. F. Mulheres emocionalmente descontroladas: identidades generificadas na mídia contemporânea. *D.E.L.T.A.*, v. 20, n. 2, p.235-263. 2004.
- FISCHER, R. M. B. Mídia e Educação da Mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV. *Estudos Feministas*, v. 9, 2. Sem. p.586-599. 2001.

- FREYRE, G. *Modos de homem e modas de mulher*. Rio de Janeiro: Record, 2002. 181p.
- GOBBI, M. A. Tecendo por trás dos panos. *Proposições*, v. 6, n. 2, p.17. 1995.
- GOOGLE ACADÊMICO. *Mulher*. 2013. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=mulher&btnG=&lr=>
- GOOGLE ACADÊMICO. *Google Acadêmico*. 2013. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/intl/pt-BR/scholar/about.html>.
- GOOGLE BRASIL. *Mulher*. 2013. Disponível em: <http://www.google.com.br>.
- GOLDENBERG, M. Gênero e corpo na cultura brasileira. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 17, n.2, p.65-80. 2005.
- HAHNER, J. E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981. 181p.
- HARTOG, F. Tempo e patrimônio. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 22 n. 36, p.261-273. jul/dez. 2006.
- KARAWEJCZYK, M. Mulheres, modernidade e sufrágio: uma aproximação possível. *Revista de História e Estudos Culturais*. Out/Nov/Dez, v. 4, n. 4, p.1-13. 2007.
- LIPOVETSKY, G. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 339p.
- MINAYO, M. C.S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 10. ed. São Paulo (SP): Hucitec-Abrasco, 2007. 269p.
- MUGNAINI, R.; STREHL, L. *Recuperação e impacto da produção científica na Era Google: uma análise comparativa entre o Google Acadêmico e a Web of Science*. Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, n. esp., 1º sem. 92-105. 2008.
- NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Família e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*. Porto Alegre, v. 18 n. 1, p.49-55. 2006.

- NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. A marginalização dos estudos feministas e de gênero na psicologia acadêmica contemporânea. *Psico*, v. 38 n. 3, p.216-223, 2007.
- PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 1998,519 p.
- PORTAL TERRA/TECNOLOGIA. *Google segue no topo entre os buscadores utilizados no País*. 2013. Disponível em: <<http://tecnologia.terra.com.br/internet/>>.
- QUINTEIRO, M. C. *Proposta para uma nova "igualdade" de gênero na família*. Trabalho apresentado no XIII encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro, 2002.
- ROCHA COUTINHO, M. L. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco. 1994, 249p.
- SAFFIOTI, H. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Livraria Quatro Artes Editora, 1969,404p.
- SOARES DE ALMEIDA, J. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Editora UNESP, 1998, 226p.
- STREY, M. N. Gênero, família e sociedade. In: STREY, M. N.; NETO, J. A. da S.; HORTA, R. L. (Orgs). *Família e Gênero*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.17-38, 2007.
- STREY, M. Vida de Mulher: isso dá muitas histórias. In: *Vida de Mulher: Gênero, sexualidade e etnia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 3-16, 2011.
- WAGNER, A. et al.; Compartilhar Tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 21, n. 2, p.181-186, 2005.
- WIKIPEDIA. *Mulher*. 2013. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Google>
- VANZ, S. A. de S.; STUMPF, I. R. C. Procedimentos e ferramentas aplicados aos estudos bibliométricos. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 20, n. 2, p.67-75, maio/ago, 2010.

Data de recebimento: 04/04/2014

Data de aceite: 26/06/2014

Sobre as autoras:

Fabiana Verza é Psicóloga, Terapeuta de Casal e Família (Domus-RS), Mestre em Psicologia (PUCRS/CNPq), Doutoranda em Psicologia Social (PUCRS/CNPq). Endereço eletrônico: fabianaverza@hotmail.com

Helena Kochenborger Scarparo é Psicóloga, Mestre em Educação; Doutora em Psicologia; Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS; Pesquisadora CNPq; Coordenadora do grupo de pesquisa: Psicologia e Políticas Sociais: memória, história e produção do presente. Endereço eletrônico: scarparo@gmail.com

Marlene Neves Strey é Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, especialização em Especialização em Ciências da Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, doutorado em Psicologia pela Universidad Autónoma de Madrid e pós-doutorado pela Universitat de Barcelona. Atualmente é professora titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Endereço eletrônico: strey@pucrs.br